

GRUPO FOCAL: UMA TÉCNICA DE COLETA DE DADOS NUMA INVESTIGAÇÃO QUALITATIVA?

Guilherme Saramago de Oliveira¹

Ana Maria de Oliveira Cunha²

Euzane Maria Cordeiro³

Núbia dos Santos Saad⁴

Existe uma polêmica instaurada no campo das ciências sociais entre os pesquisadores que utilizam e concebem o grupo focal de forma diferenciada. Em áreas como a publicidade, marketing, saúde, planejamento e gestão, os grupos focais se configuram mais como o processo de entrevista coletiva em que os trabalhos são desenvolvidos de forma operativa, com a adoção de procedimentos estruturados, controlados por questões específicas e num tempo determinado (GOMEZ, 2005, p. 40).

Resumo:

Este artigo tem como principal finalidade apresentar algumas definições, análises e reflexões sobre o Grupo Focal enquanto uma modalidade de entrevista a ser utilizada na coleta de dados em uma investigação científica de natureza qualitativa.

Palavras-chave:

Grupo Focal. Pesquisa Qualitativa. Técnica de Coleta de Dados. Entrevista.

Abstract:

The main purpose of this paper is to present some definitions, analyzes and reflections on the Focus Group as a form of interview to be used in data collection in a qualitative scientific investigation.

Key words:

Focus Group. Qualitative research. Data Collection Technique. Interview.

1. Ideias Iniciais

Uma pesquisa científica pode ser desenvolvida, de acordo com Severino (2007), na perspectiva da abordagem quantitativa ou na perspectiva da abordagem qualitativa. Para esse autor,

Quando se fala de pesquisa quantitativa ou qualitativa, e mesmo quando se fala de metodologia quantitativa e qualitativa, apesar da liberdade de

¹ Doutor. Professor da Universidade Federal de Uberlândia.

² Doutora. Professora da Universidade Federal de Uberlândia.

³ Mestre em Educação. Universidade Federal de Uberlândia.

⁴ Doutora. Professora da Universidade Federal de Uberlândia.

linguagem consagrada pelo uso acadêmico, não se está referindo a uma modalidade de metodologia particular. Daí ser preferível falar-se de *abordagem quantitativa*, de *abordagem qualitativa*, pois como essas designações, cabe referir-se a conjuntos de metodologias, envolvendo, eventualmente, diversas referências epistemológicas (SEVERINO, 2007, p. 119).

As pesquisas qualitativas, para Severino (2007), são usadas quando se buscam percepções e entendimento sobre a natureza geral de uma questão ou questões, abrindo espaço para análises e interpretações do pesquisador. Na verdade, uma pesquisa de natureza qualitativa busca dar respostas a questões muito particulares, específicas, que precisam de elucidações mais analíticas e descritivas.

A abordagem qualitativa, conforme Minayo (2001), é utilizada em pesquisas nas Ciências Sociais tendo como preocupação primeira a busca da compreensão da lógica que permeia a prática social que efetivamente ocorre na realidade.

A abordagem qualitativa nas pesquisas, afirma Chizzotti (2003, p. 79), “[...] parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito”. Nessa compreensão da abordagem qualitativa, o conhecimento, portanto, não se restringe a uma mera interpretação de dados isolados, estáticos, conectados por uma análise de cunho puramente descritivo ou explicativo.

Na abordagem qualitativa, o pesquisador é parte integrante e ativa do processo de produção/elaboração do conhecimento, analisando e interpretando os dados obtidos, atribuindo-lhes um sentido contextualizado. O dado analisado não é hermético, cristalizado e neutro, possui sentidos e relações que os indivíduos criam a partir de suas próprias ações e reações sobre o tema estudado.

Os fundamentos teóricos da investigação, a metodologia, a técnica e procedimentos para obtenção dos dados, as formas de tratamento da informação e a capacidade intelectual do pesquisador na elaboração/produção do trabalho científico, constituem os aspectos essenciais que contribuem para a realização de uma pesquisa de cunho qualitativo.

O pesquisador tem, então, como uma das metas mais importantes e prioritárias no desenvolvimento de uma investigação científica qualitativa, obter os dados que darão suporte

para o alcance dos objetivos estabelecidos para a pesquisa pretendida. E uma das alternativas para alcançar tal propósito seria utilizar a entrevista como instrumento de coleta dos dados.

2. As entrevistas na Pesquisa Qualitativa

Para Bauer e Gaskell (2002, p. 65), a Pesquisa Qualitativa que tem a entrevista como o protótipo mais conhecido, evita a utilização de dados predominantemente numéricos e lida de forma prioritária com a análise e interpretação das realidades sociais. “A compreensão dos mundos da vida dos entrevistados e de grupos sociais especificados é a condição *sine qua non* da entrevista qualitativa. Tal compreensão poderá contribuir para um número de diferentes empenhos na pesquisa”.

A entrevista, segundo Lakatos e Marconi (2002, p. 92), “[...] é um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional”. Para as autoras a entrevista é um importante instrumento de coleta de dados para desenvolvimento de pesquisas em diferentes áreas do conhecimento. Elas consideram a entrevista como “[...] um procedimento utilizado na investigação social, para a coleta de dados ou para ajudar no diagnóstico ou no tratamento de um problema social”.

Szymanski (2002, p. 10) considera a entrevista como um processo de interação social, onde o entrevistador tem por objetivo obter do entrevistado as informações necessárias ao estudo. Para a autora, quando se considera “[...] o caráter de interação social da entrevista, passamos a vê-la submetida às condições comuns de toda interação face a face, na qual a natureza das relações entre entrevistador/entrevistado influencia tanto o seu curso como o tipo de informação que aparece”.

A entrevista, de acordo com as idéias expressas por Lüdke e André (2018, p. 38-39), é um dos principais instrumentos para a obtenção dos dados em diferentes tipos de pesquisa científica. Consideram essas autoras que a entrevista possibilita a obtenção rápida das informações desejadas, além de permitir esclarecimentos, complementos e correções sobre a questão em estudo. A entrevista “[...] permite a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos”. Também pode possibilitar “[...] o tratamento de assuntos de natureza estritamente pessoal e íntima, assim como temas de natureza complexa e de escolhas nitidamente individuais”.

Para que uma determinada entrevista atinja plenamente as finalidades pretendidas é necessária a sua adequada preparação. A preparação da entrevista consiste numa etapa importante da pesquisa e requer do pesquisador tempo e a execução de certas ações fundamentais, dentre elas: planejar detalhadamente a entrevista; definir os objetivos a serem alcançados; selecionar entrevistados que possuem conhecimento da temática estudada; verificar a disponibilidade e interesse dos entrevistados em participar da entrevista; agendar com antecedência a data, o horário e o local da entrevista; estabelecer procedimentos que garantam aos entrevistados o sigilo absoluto de suas confidências e de suas identidades e elaborar o roteiro ou formulário com as questões consideradas essenciais à efetivação da pesquisa.

Quanto à elaboração das questões da entrevista, Bourdieu (1999) entende que o pesquisador deve ter cautela e evitar a formulação de perguntas absurdas, arbitrárias, ambíguas ou tendenciosas. As perguntas da entrevista devem ser elaboradas levando-se em consideração a seqüência do pensamento dos entrevistados para dar continuidade na conversação e conduzir a entrevista dentro de um sentido lógico para os pesquisados. Para se obter uma narrativa natural é interessante evitar indagações diretas, que normalmente dificultam o estabelecimento de um diálogo mais harmonioso e tranqüilo entre os participantes.

Os pesquisadores, por meio da utilização da entrevista, buscam obter os dados objetivos e subjetivos necessários ao estudo. Os dados objetivos podem ser obtidos também, por meio do uso de fontes secundárias (censos, estatísticas e outros). Entretanto, os dados subjetivos, de maneira geral, só podem ser obtidos por meio do uso da entrevista, uma vez que tais dados se relacionam com os valores, às atitudes e às opiniões das pessoas entrevistadas.

A esse respeito, Szymanski (2002, p. 10) afirma que “[...] a entrevista é um instrumento que tem sido empregado em pesquisas qualitativas como uma solução para o estudo de significados subjetivos e de tópicos complexos demais para serem investigados por instrumentos fechados num formato padronizado”.

No desenvolvimento de investigações científicas nas áreas de Ciências Sociais e Humanas são utilizadas várias modalidades de entrevistas. Dentre elas, a entrevista estruturada, a semi-estruturada, a história de vida e a entrevista com grupos focais.

A entrevista estruturada ou dirigida é uma modalidade de entrevista muito aplicada nos censos, como os do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), nas pesquisas de opinião, nas pesquisas eleitorais, nas pesquisas de mercado.

Essa modalidade de entrevista, para Soriano (2004),

[...] é utilizada em diversas disciplinas, tanto sociais quanto de outras áreas para a realização de sondagens, pois ela permite colher abundante informação básica sobre o problema, sendo também empregada para fundamentar hipóteses e orientar estratégias para aplicar outras técnicas de coleta de dados (SORIANO, 2004, p. 153).

Uma entrevista estruturada ou dirigida, de maneira geral, é organizada e desenvolvida mediante a elaboração prévia de um roteiro contendo certo número de perguntas fechadas. Essas perguntas devem ser formuladas aos entrevistados sem nenhuma modificação quando da aplicação. Busca-se, assim, na entrevista estruturada realizar um estudo comparativo fundamentado no mesmo conjunto de perguntas em que as diferenças se manifestem nas respostas apresentadas pelos respondentes e não nas perguntas formuladas pelo pesquisador.

Já a entrevista semi-estruturada, é uma modalidade muito utilizada quando se pretende delimitar o volume das informações a serem coletadas, obtendo-se assim, um direcionamento maior para a temática em estudo e intervindo a fim de que os objetivos propostos para o trabalho sejam plenamente alcançados.

A entrevista semi-estruturada é organizada a partir de perguntas abertas e fechadas, onde o colaborador da pesquisa tem a possibilidade de discorrer detalhadamente, em alguns dos itens, sobre o tema proposto pelo pesquisador.

Para Triviños (1987), a entrevista semi-estruturada,

[...] é aquela que parte de certos questionamentos básicos apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante (TRIVIÑOS, 1987, p.146).

Assim, vale ressaltar que durante a realização da entrevista, o pesquisador deve seguir um roteiro básico composto por um conjunto de questões previamente estabelecidas, mas ele o faz em um contexto muito semelhante ao de uma conversa informal.

Outro aspecto importante na entrevista semi-estruturada consiste no fato de o entrevistador ficar atento para dirigir, no momento que achar oportuno, a discussão para o assunto que lhe interessa, fazendo perguntas adicionais para elucidar questões que não ficaram

claras ou colaborar para recompor o contexto da entrevista, caso o entrevistado dê respostas que não estejam vinculadas ao tema ou apresente alguma dificuldade de discorrer sobre ele.

Outra modalidade de entrevista, a história de vida, é entendida por Meihy (1996), como um relato de experiências vivenciadas pelos seres humanos ao longo de sua existência, não apenas daqueles com idade mais avançada, mas também de crianças, adolescentes e jovens. A história de vida consiste no registro de determinados fatos, acontecimentos e momentos que, para o ser humano, são significativos e constitutivos de uma experiência que ocorreu no passado e dos quais ele se recorda.

A história de vida é, portanto, uma narrativa que cada indivíduo faz do seu vivido e, ao transmiti-lo aos outros, apresenta a sua visão de mundo. É a explicação que ele elabora a partir dos momentos significativos que seletivamente foram memorizados.

Conforme Meihy (1996), a história de vida é uma técnica de entrevista cuja aplicação demanda uma investigação de longa duração. Segundo o autor, não é apenas por meio de uma ou duas entrevistas simplesmente que se esgota o que um colaborador pode relatar a respeito do assunto pesquisado.

A história de vida, afirma Chizzotti (2003):

É um instrumento de pesquisa que valoriza a obtenção de informações contidas na vida de uma ou de várias pessoas e pode ter forma literária tradicional como memórias, crônicas ou relatos de homens ilustres que, por si mesmos ou por encomenda própria ou de terceiros, relatam os feitos vividos pela pessoa. As formas novas valorizam a oralidade, as vidas ocultas, o testemunho vivo das épocas ou períodos históricos. (...) pode ter a forma autobiográfica, onde o autor relata suas percepções pessoais, os sentimentos íntimos que marcaram a sua experiência ou os acontecimentos vividos no contexto de sua trajetória de vida. Pode ser um discurso livre de percepções subjetivas ou recorrer a fontes documentais para fundamentar as afirmações e relatos pessoais (CHIZZOTTI, 2003, p. 95).

3. A Entrevista denominada Grupo Focal

Em relação ao Grupo Focal, Bauer e Gaskell (2002) e Gatti (2005) concebem essa modalidade de entrevista, como uma técnica qualitativa de pesquisa, que para ser desenvolvida, o pesquisador reúne, em um mesmo local e durante certo período de tempo, uma determinada quantidade de pessoas que constituem parte da população pesquisada com a finalidade de se obterem informações consideradas fundamentais para a compreensão do fenômeno objeto da investigação.

No Grupo Focal, de acordo com Wenetz (2012),

Usa-se a expressão ‘focal’ porque as conversações são realizadas como uma atividade coletiva, como realizar uma tarefa, assistir um filme e depois debater sobre esse assunto com um conjunto específico de questões. Embora se possa confundir com entrevistas grupais, a ideia é um pouco mais ampla, no sentido de que os participantes expõem suas ideias e comentários (WENETZ, 2012, p. 55).

Segundo Barbour (2009), Grupo Focal é uma discussão realizada por certo número de pessoas reunidas para atender a determinados objetivos e cujas interações são motivadas e estimuladas pelo pesquisador. Para a autora é na fase exploratória dos projetos de pesquisa que os grupos focais são mais utilizados.

O Grupo Focal não é uma técnica de pesquisa com criação e utilização recentes. Há muitos anos, o seu uso é muito comum, principalmente, nas áreas industrial e comercial. No entanto, na área da educação ainda é pouco freqüente a sua utilização.

É importante esclarecer, entretanto, que as finalidades do Grupo Focal pretendidas pelos cientistas sociais e pelos pesquisadores do mercado são completamente distintas. Os cientistas sociais têm como meta desenvolver um processo de investigação, por meio do qual, um grupo de participantes especialmente selecionados, respondem às questões fundamentais da pesquisa para que depois, os dados obtidos, possam ser teoricamente analisados, interpretados e compreendidos em toda a sua complexidade e extensão. Os pesquisadores do mercado realizam investigações, geralmente com perspectivas limitadas, buscando apenas obter respostas imediatas, que possibilitem o surgimento de propostas inovadoras para manter as organizações, para quais trabalham, competitivas, com custos cada vez mais reduzidos e com aumento constante dos lucros.

Para Gatti (2005), o Grupo Focal tem como finalidade precípua, coletar, a partir do diálogo e do debate com e entre os participantes do grupo constituído, informações acerca de um tema específico, havendo assim, intencionalidade clara e um foco bem definido.

A natureza das discussões que ocorrem nos grupos focais, segundo Barbour (2009, p. 41), indica “[...] que as histórias provavelmente não vão se desenvolver sequencialmente, tal como seria o caso em uma entrevista individual e, portanto, o quadro apresentado será confuso e as tentativas de analisar os dados serão frustrados”.

De maneira geral, um Grupo Focal é constituído por um número de participantes que varia de seis a doze pessoas. Esses participantes são previamente selecionados a partir da

Cadernos da Fucamp, v.19, n.41, p.1-13/2020

existência entre eles, de alguma(s) característica(s) comum(ns), não sendo então, um grupo espontaneamente formado. Pretende-se que no Grupo Focal seja estabelecido um diálogo entre os participantes, o que possibilitará ao pesquisador o acesso aos dados de que necessita para elucidar as questões de investigação pretendidas.

Para Dal'Igna (2012),

Este diálogo deve estimular tanto as ideias consensuais quanto as contrárias. Da mesma forma, a técnica de grupo focal, diferentemente de entrevistas (individuais ou coletivas), permite produzir um material empírico a partir do qual se pode analisar diálogos sobre determinados temas e não falas isoladas (DAL'IGNA, 2012, p. 204).

A quantidade de grupos focais a serem formados para o desenvolvimento de uma determinada pesquisa, bem como o número de participantes em cada um deles, é definida no desenvolvimento do próprio trabalho de investigação e segundo as necessidades detectadas pelo pesquisador, conforme as finalidades pretendidas.

A respeito da organização do Grupo Focal, Gatti (2005) esclarece que,

Visando abordar questões em maior profundidade, pela interação grupal, cada grupo focal não pode ser grande, mas não pode ser excessivamente pequeno, ficando sua dimensão preferencialmente entre seis a 12 pessoas. Em geral, para projetos de pesquisa, o ideal é não trabalhar com mais de dez participantes. Grupos maiores limitam a participação, as oportunidades de trocas de idéias e elaborações, o aprofundamento no tratamento do tema e também os registros (GATTI, 2005, p. 22).

O Grupo Focal, conforme Gatti (2005), é considerado um tipo especial de entrevista em que o pesquisador cria as condições necessárias para que o grupo constituído possa interagir plenamente e estabelecer um processo de comunicação sem ingerências indevidas.

A utilização de Grupo Focal, segundo Giacomini (2011, p. 54), “[...] como técnica de pesquisa ressalta a importância da análise das interações e das trocas entre os informantes, exigindo da pesquisadora um olhar e uma escuta atenta para as rupturas, os silêncios, os consensos, os dissensos, as sequências das falas”.

No desenvolvimento do trabalho nos grupos focais, o pesquisador evita posicionar-se, fazer indagações diretas, sintetizar o debate realizado ou propor idéias que de alguma forma provoquem interferências na maneira dos indivíduos pensarem e expressarem seus saberes. Se o objetivo pretendido pelo pesquisador é conhecer o que pensa um participante sem a interferência dos outros, a técnica de grupos focais não é considerada a mais apropriada.

Em virtude disso, as questões pensadas e produzidas pelo pesquisador para desenvolver a entrevista no Grupo Focal devem ser capazes de estabelecer, estimular e manter o debate entre os participantes, sem que isso seja equiparado a uma preocupação com a formação de consensos. É obvio que algumas assertivas causam mais polêmicas que outras, gerando ações e reações que ora convergem ora divergem. Durante a entrevista, o mais importante é criar as condições necessárias para que todos os colaboradores tenham as mesmas oportunidades de apresentar suas concepções e que elas sejam debatidas e analisadas pelo grupo.

A principal tarefa do entrevistador, para Flick (2009) é

[...] impedir que participantes individuais ou grupos parciais dominem, com suas contribuições, a entrevista e, conseqüentemente, todo o grupo. Além disso, o entrevistador deve estimular membros com comportamento reservado a envolverem-se na entrevista e a emitirem suas opiniões, devendo tentar obter respostas de todo o grupo a fim de permitir a maior abrangência possível ao tópico. Por isso, ele deve buscar um equilíbrio em sua conduta entre guiar (diretivamente) o grupo e moderá-lo (não diretamente) (FLICK, 2009, p. 181).

Para Morgan e Krueger, citados por Gatti (2005, p.9), a pesquisa que utiliza a técnica de grupos focais, possibilita ao pesquisador “[...] captar, a partir de trocas realizadas no grupo, conceitos, sentimentos, atitudes, crenças, experiências e reações, de um modo que não seria possível com outros métodos”. No Grupo Focal isso é possível, pois os participantes sentem-se mais à vontade, livres para revelar a natureza e as origens de suas idéias e opiniões a respeito da temática abordada, permitindo que os pesquisadores compreendam as questões debatidas de uma forma abrangente.

O Grupo Focal, segundo Gatti (2005, p. 9), “[...] permite fazer emergir uma multiplicidade de pontos de vista e processos emocionais, pelo próprio contexto de interação criado, permitindo a captação de significados que, com outros meios, poderiam ser difíceis de se manifestar”.

Os dados oriundos do trabalho desenvolvido no Grupo Focal revelam, assim, informações mais detalhadas do que daqueles obtidos a partir de outros tipos de levantamentos, tais como o uso de questionários, entrevistas pessoais e outras formas utilizadas pelas pesquisas individuais.

De acordo com Bauer e Gaskell (2002), a modalidade de entrevista desenvolvida a partir do Grupo Focal pode ser utilizada como uma estratégia para ampliar a compreensão das

informações que foram obtidas por meio da utilização de outras técnicas, de outros métodos de investigação, pois é uma forma rápida, fácil e prática de pôr-se em contato com os sujeitos que colaborarão com a realização efetiva da pesquisa.

Esses autores afirmam, ainda, que as informações que emergem durante a realização das entrevistas nos grupos focais são fundamentais para a elaboração de novas hipóteses de estudo, para a exploração detalhada das variáveis intermediárias da pesquisa, para obter explicações mais apropriadas sobre determinados fatos constatados, bem como para a validação e comprovação de informações a partir da análise comparativa das diferentes idéias explicitadas pelos colaboradores.

Para Bauer e Gaskell (2002), o Grupo Focal é uma entrevista aberta, de natureza essencialmente qualitativa, previamente pensada e organizada, cuja finalidade primordial é a compreensão detalhada das idéias apresentadas por um grupo de pessoas a cerca de determinadas questões que estão sendo investigadas. Assim, a entrevista aberta, deve ser utilizada quando o pesquisador pretende que o assunto em discussão seja exaustivamente detalhado, de acordo com a visão e a crença dos entrevistados, para que possa, assim, obter o maior número possível de informações sobre aquilo que está sendo investigado.

Segundo Minayo (1993 e 2001), a utilização da técnica de entrevista aberta é uma estratégia que atende principalmente, a finalidades exploratórias. É uma técnica muito importante para o detalhamento e aprofundamento das questões tidas como fundamentais e para a formulação mais precisa dos conceitos relacionados ao estudo desenvolvido.

Na organização e estruturação da técnica de entrevista aberta, de acordo com Minayo (1993 e 2001), a temática é introduzida pelo entrevistador e os entrevistados têm total liberdade para discorrer sobre o assunto proposto. Todos os questionamentos, as indagações vão sendo respondidas dentro de uma conversação informal entre os participantes.

Uma das características fundamentais da técnica de grupos focais, para Gatti (2005), é o fato de que ela trabalha com a análise e reflexão das falas expressas dos participantes, permitindo que eles apresentem, ao mesmo tempo, seus conceitos, concepções e impressões sobre determinado assunto debatido durante a entrevista.

A expressão verbal que é manifestada nos grupos focais não é simplesmente uma descrição ou mera exposição oral; ela é, sobretudo, uma forma de pensamento que decorre do diálogo, da troca de idéias, da análise dos fatos que vão sendo relatados. Parte-se do

pressuposto que todas as ideias, valores, crenças e concepções que são apresentadas devem ser debatidas e analisadas pelos participantes. Em consequência, as informações produzidas ou aprofundadas no grupo são essencialmente de natureza qualitativa.

Os grupos focais, conforme Gatti (2005), constituem uma técnica de entrevista que respeita o princípio da não-diretividade por parte do pesquisador. No entanto, é essencial destacar que não se trata de uma posição não-diretiva absoluta do investigador. Deve ele, encaminhar o debate do tema, participando e envolvendo-se sempre que necessário, para facilitar as trocas de ideias, buscando manter, desta forma, os objetivos do trabalho previamente estabelecidos.

Segundo Bauer & Gaskell (2002), para que o desenvolvimento da entrevista em um Grupo Focal atinja pleno êxito, deve ela contar com a presença de um moderador, geralmente o próprio pesquisador, cujo papel é considerado a função-chave da técnica.

No decorrer da técnica, de acordo com Gill (2009),

[...] os participantes interagem entre si num processo de discussão que é observado e registrado pelo moderador, que é alguém integrado ao grupo. Assim, ao final, obtêm-se informações não apenas acerca do que as pessoas pensam, mas também em relação ao que sentem e como agem (GILL, 2009, p. 84).

No Grupo Focal, a primeira tarefa do moderador é a sua própria apresentação e também uma rápida apresentação do tema que será debatido. Logo após, os participantes do grupo devem se apresentar. Durante a entrevista, a interferência do entrevistador deve ser a mínima possível e este deve assumir muito mais uma postura de ouvinte. Apenas em casos importantes, como por exemplo, para focalizar e aprofundar a discussão ou para evitar o término antecipado da entrevista, poderá interromper a fala do colaborador.

Para Sousa (2011), a técnica terá o devido sucesso na medida em que o moderador tiver

[...] domínio das técnicas de dinâmica de grupo e saiba tolerar ambiguidades, paradoxos, contradições, insuficiência, impaciências, e consiga ouvir, interromper nos momentos necessários, fazer sínteses e reformulações sem emitir sua visão, estimular a participação e evitar monopólios da palavra, tomar cuidado com a linguagem para não fazer aprovação ou reprovação do que está sendo dito (SOUSA, 2011, p. 85).

A qualidade das informações produzidas e obtidas no Grupo Focal, esclarece Gatti (2005), está intimamente vinculada ao desempenho das funções do moderador. O moderador

Cadernos da Fucamp, v.19, n.41, p.1-13/2020

deve atuar no sentido de fazer com que o debate se desenvolva entre os participantes. Ele é responsável, principalmente, pelo início do diálogo, pela motivação permanente do grupo, pelo desenrolar das discussões e pela conclusão dos debates.

4. Concluindo

Neste texto, a técnica de entrevista denominada Grupo Focal foi abordada na perspectiva de diferentes fundamentos teóricos, visando à sua adequada conceituação, estrutura e dinâmica de realização. Buscou-se inserir esta técnica numa discussão de natureza qualitativa e enfatizar os aspectos positivos que dela podem decorrer no sentido de demonstrar a sua importância no desenvolvimento de investigações que pretendam esclarecer em riqueza de detalhes o fenômeno estudado.

Em suma, face ao exposto ao longo do texto, é imprescindível salientar que o Grupo Focal pode, então, ser conceituado como uma técnica de investigação que tem por finalidade precípua obter informações de natureza descritiva, oriundas da interação entre os participantes de um determinado grupo, durante a realização de um debate sobre assunto de interesse do pesquisador. O Grupo Focal utiliza então, da interação grupal para produzir saberes e apreender fatos e acontecimentos que poderiam ser menos acessíveis sem a interação vivenciada em um grupo específico, constituído com essa intenção.

Referências

BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BARBOUR, R. **Grupos Focais**. Porto Alegre, RS: Artmed, 2009.

BOURDIEU, P. **A miséria do mundo**. Tradução de Mateus S. Soares. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. São Paulo, SP: Cortez, 2003.

DAL'IGNA, M. C. Grupo focal na pesquisa em educação: passo a passo teórico metodológico. In: MEYER, D. E.; PARAÍSO, . A. **Metodologias de Pesquisas Pós-críticas em Educação**. Belo Horizonte, MG: Mazza Edições, 2012. p. 195- 217.

FLICK, U. **Introdução à Pesquisa Qualitativa**. Porto Alegre, RS: Artmed, 2009.

GATTI, B. A. **Grupo Focal em Ciências Sociais e Humanas**. Brasília, DF: Líber Livro Editora, 2005.

GIACOMINI, S. A. **Processos de produção de masculinidades e feminilidades juvenis: articulações com violências de gênero**. 2011. 117f. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, RS, 2011.

GILL, A. C. **Estudo de caso: Fundamentação científica**. Subsídios para coleta e análise de dados. Como redigir o relatório. São Paulo, SP: Atlas, 2009.

GOMES, S. R. Grupo Focal: uma alternativa em construção na pesquisa educacional. **Cadernos de Pós-Graduação**. São Paulo, SP, v. 4, Educação, p. 39-45, 2005.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados**. São Paulo, SP: Editora Atlas, 2002.

LÜDKE, M., ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. Rio de Janeiro, RJ: E.P.U., 2018.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de história oral**. São Paulo, SP: Loyola, 1996.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento científico: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo, SP/Rio de Janeiro, RJ: Hucitec-Abrasco, 1993.

MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo, SP: Cortez Editora, 2007.

SORIANO, R. R. **Manual de pesquisa social**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

SOUSA, C. S. **O desenvolvimento curricular do Curso de Fisioterapia em uma instituição de Ensino Superior do Interior do Estado da Bahia**. Um estudo de caso do tipo etnográfico. 2011. 186f. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós Graduação em Políticas Sociais e Cidadania. Universidade Católica de Salvador, 2011.

SZYMANSKI, H. (org.). **A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva**. Brasília, DF: Plano Editora, 2002.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a Pesquisa Qualitativa em educação: a prática reflexiva**. São Paulo, SP: Atlas, 1987.

WENETZ, I. **Presentes na escola e ausentes na rua**. Brincadeiras de crianças marcadas pelo gênero e pela sexualidade. 2012. 229f. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio

OLIVEIRA, G. S.; CUNHA, A. M. O.; CORDEIRO, E. M.; SAAD, N. S.

Grande do Sul, Escola de Educação Física, Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano. Porto Alegre, RS, 2012.